

RETRATOS DE HUMANIDADE



RETRATOS DE HUMANIDADE

NOSSAS BANDEIRAS

Sob um fundo branco, uma cruz vermelha. O emblema atravessou os séculos, simbolizando a defesa de causas humanitárias, a ponto de se tornar uma imagem universal, reconhecida em qualquer nação do globo. Tudo começou em 1859, quando o cidadão suíço Henry Dunant — que se encontrava nas cercanias de Solferino, norte da Itália — presenciou o abandono de milhares de soldados mortos ou feridos no campo de batalha. As cenas que foi testemunha lhe moveram—no a promover ações que, em 1863, dariam origem ao Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV).

Hoje, mais de um século e meio depois, somos uma organização humanitária com abrangência global, contando com 18,8 mil homens e mulheres que trabalham em cerca de 100 países. Desde a nossa criação, ao longo das décadas, prestamos assistência e proteção a pessoas que sofrem com conflitos armados e violência armada e suas consequências em diversas vertentes, independentemente das causas e/ou motivações dos confrontos. Mais do que isso: trabalhamos diretamente na promoção do Direito Internacional Humanitário (DIH) e do Direito Internacional de Direitos Humanos (DIDH), fomentando o respeito entre os povos e a assistência humanitária a quem precise — e sem olhar a quem.

Essa linha de atuação e esses princípios também norteiam, é claro, o CICV na América do Sul, onde tivemos nossa primeira presença na década de 1930, quando realizamos uma série de ações humanitárias na Guerra do Chaco, entre Bolívia e Paraguai. Mas foi na década de 1970 que nossa atuação na região se acentuou, com missões humanitárias, de acordo com as necessidades de cada país. Desde então, prestamos apoio contínuo no Uruguai, Paraguai, Chile, Argentina e Brasil, de forma coordenada com autoridades e/ou outras entidades e organizações.

Este livro revela, por meio de fotografias tiradas em campo, a atuação do CICV ao longo dos últimos cinco anos — a partir de 2017 —, no Brasil, na Argentina, no Chile, no Paraguai e Uruguai, em algumas das principais ações desenvolvidas no período, muitas vezes junto aos nossos parceiros, em especial das Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha. Para isso, dividimos esta publicação em cinco partes. Na primeira, abordamos nosso trabalho relacionado a mitigar os efeitos e consequências da violência armada à população brasileira. Em seguida, trazemos o nosso eixo voltado a respostas ao desaparecimento de pessoas. Na terceira parte, registramos os trabalhos para identificar soldados argentinos sepultados nas Ilhas Malvinas (Falklands). No quarto capítulo, apresentamos como se dá nosso atendimento à questão migratória. Por fim, destacamos nossas ações na região como um todo, incluindo, além do Brasil, a Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai.

Ao trazer cenas do cotidiano da vida das pessoas e comunidades com as quais trabalhamos e da nossa ação, este livro dá dimensão da atuação do CICV e, mais do que isso, mostra a importância do trabalho humanitário que realizamos ao longo dos anos. A publicação nos revela tal qual somos: uma organização neutra, imparcial e independente, com a missão exclusivamente humanitária de proteger a vida e a dignidade das pessoas que sofrem as consequências da violência armada. Ao fim da leitura, quando ver o nosso emblema, você saberá um pouco melhor sobre quem somos e que trabalho fazemos.

Delegação Regional do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) para Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai

1933 Guerra do Chaco



Paraguai - Feridos do conflito entre Bolívia e Paraguai são atendidos em um posto de primeiros socorros, na primeira ação humanitária do CICV na América do Sul.

1970 Indígenas no Brasil



Uma missão do CICV visitou povos e vilarejos indígenas no Brasil durante três meses

1975Regimes militares

Em 1975, o CICV abriu uma delegação regional em Buenos Aires - a segunda na América do Sul. Em 1976 em Santiago do Chile (foto), delegados visitam pessoas privadas de liberdade, atividade desenvolvida por vários anos durante os regimes militares nos países da região.

1982 Conflito do Atlântico Sul



Montevidéu - O CICV visitou e registrou mais de 11 mil prisioneiros. Esta guerra entre Argentina e Grã-Bretanha foi um raro exemplo de liberação de prisioneiros.

O CICV na História



1991 Acordo de sede

Brasilia – Em visita oficial, o presidente do CICV, Cornelio Sommaruga, (à esquerda), assina o acordo de sede com o Brasil.

1991 Primeira visita



Ilhas Malvinas (Falklands) - O CICV organizou a visita de 358 familiares dos soldados argentinos mortos durante a guerra e sepultados em Darwin.

2009 Projeto Rio



Rio de Janeiro – Iniciativa para mitigar as consequências humanitárias da violência armada, realizada em parcerias por cinco anos.

• 2018 Ampliação

Fortaleza - Escritório é inaugurado para ampliar trabalho humanitário no Brasil. No mesmo ano, o CICV inicia ações em Boa Vista (RR).

2018 Reforço da cooperação



Brasília - Novo acordo de sede no Brasil assinado com Itamaraty atualiza o documento de 1991.

RESPOSTAS À VIOLÊNCIA ARMADA

Diferentemente do que possa supor o senso comum, muitos países que não vivem uma guerra de acordo com o Direito Internacional Humanitário (DIH), são igualmente impactados de forma expressiva pela violência armada. Nesse contexto, os efeitos para a população são severos, com números que lembram os de uma guerra: nos últimos cinco anos com dados consolidados — entre 2016 e 2020 —, o país registrou uma média anual de 55,4 mil mortes violentas, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. O impacto à sociedade, é claro, vai além dos mortos e feridos. Há consequências humanitárias graves, como a falta de acesso a serviços essenciais básicos — principalmente, saúde, educação e assistência social —, desaparecimentos, deslocamentos forçados, detenções e sequestros.

Para prevenir e mitigar os efeitos da violência, o CICV desenvolve programas específicos, além de oferecer às autoridades apoio adaptado às realidades locais. Em Fortaleza (CE), em cooperação com a prefeitura, implementamos o programa Acesso Mais Seguro (AMS), que desenvolve um trabalho conjunto com o poder público para minimizar as consequências da violência entre a população mais vulnerável a fim de garantir o acesso a serviços públicos. A iniciativa foi estendida ao governo do Ceará e também foi, adotada por outros municípios, como, Duque de Caxias (RJ), Florianópolis (SC), Porto Alegre (RS), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Vila Velha (ES). Entre outras ações, também atuamos estabelecendo diálogo com forças policiais e com autoridades para a incorporação das normas de direitos humanos e com autoridades carcerárias, no sentido de melhorar as condições de detenção de pessoas privadas de liberdade.





Este Posto foi uma das mais de cem unidades de Porto Alegre que recebeu treinamento do programa Acesso Mais Seguro (AMS) para Serviços Públicos Essenciais. No prédio, são ofertados serviços especializados, de saúde básica, estratégia de saúde da família e pronto-atendimento à população.

Marilene A. Mariotini, diretora de creche municipal em Duque de Caxias (RJ). Quando há tiroteio, ela liga as tevês em volume alto, para que as crianças não ouçam os tiros: "Se elas ouvem, ficam apavoradas e choram muito".





Em 2019, Vila Velha tornou-se o primeiro município do Espírito Santo a aderir ao Acesso Mais Seguro, que mitiga as consequências humanitárias da violência armada na população. Ana Luíza Martineli coordena uma Unidade de Saúde da Família. M. Cruppe/C





Em escola municipal, em Duque de Caxias (RJ), os alunos fazem o recreio em espaço interno, adaptado pela direção. Os pátios externos foram inutilizados por causa dos constantes tiroteios no entorno. A professora Poliene Felício faz acompanhamento individualde aluno do 2º ano do Ensino Fundamental, em escola em Vila Velha (ES). Unidade faz parte do programa Acesso Mais Seguro para Serviços Públicos Essenciais.



D/udoi I

Por meio de ações e programas variados, focamos nossa atuação em parcerias para responder aos desafios de áreas de vulnerabilidade social impactadas pela violência armada, de modo a buscar manter os serviços públicos essenciais, como saúde, educação e assistência social e, assim, atender a comunidade.



Zimne/CIC/





Atuamos junto a autoridades penitenciárias para melhorar as condições de detenção, para que as pessoas privadas de liberdade recebam tratamento digno.

No passado, o CICV visitou pessoas privadas de liberdade na Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai no passado. Atualmente, entre as prioridades a nível regional, se destaca o Projeto Critérios para Padrões Técnicos de Infraestrutura Penitenciária (CETIP1).

No Brasil, promovemos boas práticas nos níveis federal e estadual e, desde 2020, prestamos assessoria técnica à Secretaria de Assuntos Penitenciários do Estado do Ceará. Ao longo da pandemia de Covid-19, também promovemos a doação de máscaras, equipamentos e produtos de higiene e limpeza.



Para atender o outro, ainda mais em contextos de violência, é preciso cuidar de si. O programa "Cuidando de quem cuida" previne doenças, promove a saúde e a qualidade de vida em servidores que implementam o Acesso Mais Seguro em Fortaleza (CE).





Profissionais de Unidade de Saúde da Família em Duque de Caxias (RJ) recebem visita de representantes do CICV, em ação do programa Acesso Mais Seguro para Serviços Públicos Essenciais. . Rodrigues/Cl

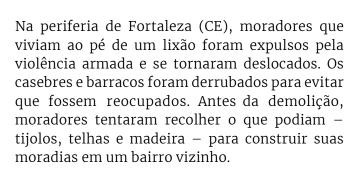
A cada dois meses, representantes de unidades de saúde de Porto Alegre (RS) que participam do Acesso Mais Seguro se reúnem na Secretaria Municipal de Saúde, para acompanhamento, alinhamento e execução de ações do programa.





AF. B





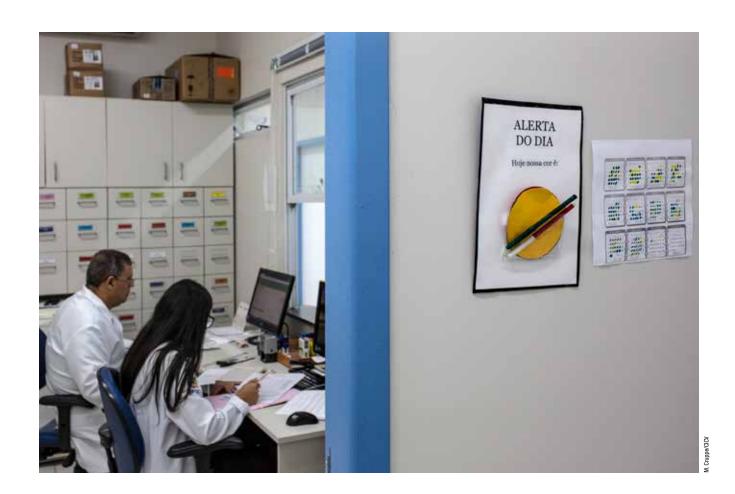


Liohn/CICV





No Brasil, diversas comunidades vivem no meio de enfrentamentos, sofrendo em seu dia a dia as consequências humanitárias da violência armada. Em uma das operações (na foto à esquerda), policiais percorrem vielas de uma comunidade no Rio de Janeiro (RJ). Na periferia de Fortaleza (CE), população observa a cena de um crime.



O Acesso Mais Seguro (AMS) visa prevenir e reduzir riscos, e mitigar o impacto da violência armada nas unidades prestadoras de serviços essenciais, nos seus profissionais e usuários. Entre outras ações, os servidores avaliam as condições de segurança do seu contexto.



Um dos eixos do CICV é o estabelecimento do diálogo e outras ações voltadas a forças policiais e de segurança para promover o respeito pelo Direito Internacional dos Direitos Humanos.



A FALTA QUE VOCÊ FAZ

Todas as famílias — sem distinção — têm o direito de saber o paradeiro de seus entes queridos e de ter uma resposta adequada às necessidades humanitárias decorrentes do desaparecimento de um familiar. Considerado um problema global, não se sabe exatamente quantas pessoas estão desaparecidas no mundo, embora o CICV estime que o número esteja na casa das centenas de milhares. No Brasil, por exemplo, em 2017 foram registrados mais de 83 mil desaparecimentos e quase 56 mil pessoas foram encontradas, enquanto em 2020 foram mais de 62 mil registros de desaparecimentos e cerca de 32 mil pessoas encontradas, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

As consequências enfrentadas pelos familiares de uma pessoa desaparecida se dão em diversas ordens, como econômica, jurídica, administrativa e psicossocial. Nesse contexto, a atuação do CICV se concentra em identificar e compreender as necessidades das famílias das pessoas desaparecidas, trabalhando diretamente com grupos focais e realizando um piloto voltado ao desenvolvimento de uma metodologia de atenção adaptada ao contexto do Brasil. Também colaboramos com autoridades nacionais e estaduais (no Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo e Roraima), compartilhando conhecimento técnico para a adoção de medidas de enfrentamento ao





Quando o filho de Miriam Torres desapareceu, ela se desesperou. Ao longo dos anos e com apoio médico e psicológico, ela melhorou. "Quando a gente perde um filho, nos primeiros dois ou três anos, o mundo acaba pra gente".



Há mais de duas décadas, Rosa Prevallecto procura pela filha Grazielli. A menina tinha nove anos, quando desapareceu ao sair para comprar pão, em uma padaria perto de casa. Com dor e obstinação, a mãe busca explicações para o sumiço da filha.



Dois anos de buscas e de perguntas para saber que Robson, seu filho, falecera logo após o desaparecimento, mas fora sepultado sem identificação ou notificação aos pais, Leonardo da Cruz e Izilda Pesolato. "É muito torturante isso", diz o pai.



O desaparecimento da filha de 13 anos, às vésperas do Natal de 1995, levou Ivanise Esperidião a fundar a Associação Brasileira de Busca e Defesa à Criança Desaparecida, em 1996, organização que ficou conhecida como Mães da Sé. "A cada dia que passa, a dor vai aumentando"



(11) 3337-3331

58505 0a 54





Débora Alves Inácio morava na cidade litorânea de Itanhaém (SP), quando seu filho Kaio desapareceu, em 2013. Hoje, ela mora em São Paulo (SP) e raramente vai ao litoral – como forma de evitar lembranças do episódio. Kaio continua desaparecido.



Elza Miranda não tem notícias do marido, o jornalista e advogado Jayme Amorim Miranda, desde 1975, quando ele desapareceu. "Eu tenho o direito de saber onde foram parar os restos mortais do meu marido, não é? Eu passei a vida inteira nessa luta, sempre esperando notícias, sempre querendo saber'', diz. O CICV considera que a realidade dos familiares é ponto fundamental para orientar as ações relacionadas ao desaparecimento. Afinal, é a família que conhece os elementos essenciais para nortear as buscas e é quem sofre as consequências da ausência. Por isso, um dos focos de nossa ação é quem perdeu seu ente querido. Entre as ações, estão a avaliação das necessidades de famílias de pessoas desaparecidas e apoio aos núcleos familiares; realização de ações-piloto com grupos focais; a assistência técnica e capacitação de autoridades e servidores públicos de diversas esferas; e a conscientização do público em geral sobre as consequências do desaparecimento de pessoas e a necessidade de respostas pelo Estado.





Francisca Ribeiro dos Santos procura o filho há mais de uma década: "São anos de dor, desespero e vazio". Ela "bateu em todas as portas", mas não encontrou repostas para o desaparecimento. "Meu filho é meu ontem, meu hoje e meu amanhã".



Angela Maria de Queiroz busca o paradeiro do filho Alex há duas décadas. Ele tinha 19 anos, quando saiu de casa e nunca mais voltou. Em 2020, Angela passou por nova tragédia familiar: outro filho foi morto.



Agarrada à esperança, Isabel Cristina da Silva busca, todos os dias, informações que possam ajudá-la a reencontrar o filho Tiago, desaparecido há 25 anos. "Para mim, ele está vivo. Eu vivo à procura, eu vivo de esperança".



O drama de Rita de Cássia de Oliveira também começou duas décadas atrás, quando o filho saiu para visitar o pai e desapareceu. As ações do CICV a ajudam a seguir em frente. "As atividades nos acolhem e fazem nos sentirmos bem".





M. Crupp

Profissionais do laboratório da Unifesp, em São Paulo (SP), analisam ossadas da vala de Perus, do Cemitério Dom Bosco. A partir de arqueologia forense e análise antropológica, foram identificadas pessoas desaparecidas.





O CICV organiza atividades com grupos de familiares, para criar pontes entre eles e serviços de apoio, dar-lhes reconhecimento, promover a troca de experiências e o compartilhamento de memórias entre familiares de pessoas desaparecidas, além de fortalecer o apoio mútuo entre eles. O trabalho é feito por uma equipe multidisciplinar, que envolve profissionais das áreas de proteção, saúde mental e ciências forenses e jurídicas.



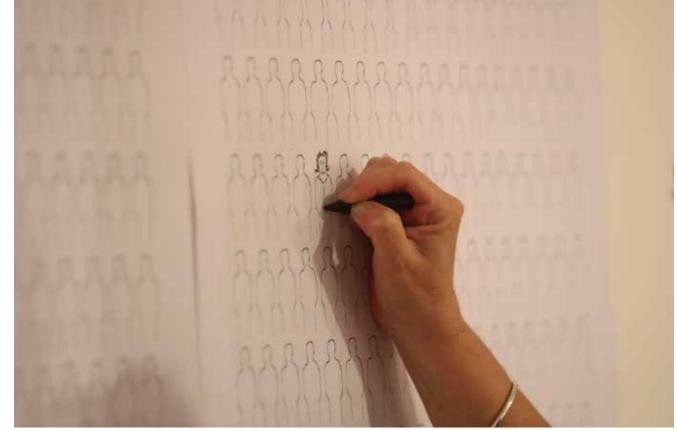
o to to

A mostra imersiva "A falta que você faz" foi apresentada pelo CICV no Museu da Imagem e do Som (MIS), de São Paulo (SP) e no Dragão do Mar, em Fortaleza (CE). A exposição trouxe retratos feitos pela fotógrafa Marizilda Cruppe e videomapping de Rogério Costa e mostrou um pouco da história, desafios e angústias de 16 famílias que sofrem com o desaparecimento de um ente querido. Familiares de pessoas desaparecidas também foram monitores e atenderam ao público.



Nes/CICV





A. Santos/O

A BUSCA POR RESPOSTAS

"'Como?', disse minha mãe", conta uma irmã de um soldado. "Eu o enviei para a guerra com nome e sobrenome", completa. Deflagrado em 1982, o Conflito Armado do Atlântico Sul, conhecido como "Guerra das Malvinas", entre a Argentina e o Reino Unido, terminou com mais de novecentos militares mortos. Entre os soldados argentinos sepultados no Cemitério de Darwin, nas Ilhas Malvinas (Falklands), havia dezenas de não identificados, sepultados sob lápides com a inscrição "Soldado argentino só conhecido por Deus", impedindo que seus familiares vivessem o luto com dignidade.

A pedido dos governos da Argentina e Grã-Bretanha, em 2017, iniciamos o Plano de Projeto Humanitário (PPH), identificando 115 soldados, a partir de técnicas forenses. Em 2021, em uma nova etapa, identificamos outros seis combatentes, dentre elas uma confirmação de identidade e uma reassociação de restos mortais.

Desta forma, levamos respostas a 119 famílias que puderam atravessar seu luto depois de quase quatro décadas de espera. Em 2019, familiares visitaram as ilhas e puseram flores aos túmulos de seus entes queridos identificados com a nossa ajuda. Para muitos pais, mães, irmãos e filhos, o gesto ajuda a fechar o ciclo de luto e dor. "Senti paz. Senti calma, alívio, ao saber que poderia ir a um túmulo, o dele", relataram familiares.









Provenientes da Argentina, Austrália, Chile, Espanha, México e Reino Unido, profissionais que integram o grupo discutem detalhes do projeto. No total, uma equipe multidiscilplinar de 14 especialistas forenses participaram dos trabalhos.







"Só conhecido por Deus". Especialista forense organiza trabalho de campo no cemitério, ao longo do processo de exumação dos soldados argentinos sepultados sem identificação.









O CICV instalou um laboratório forense temporário no cemitério. Além de analisar amostras, os especialistas também recolheram pertences dos soldados encontrados em alguns túmulos. No mesmo dia, os restos mortais foram sepultados novamente. A análise genética das amostras e o cotejo com as amostras de referência dos familiares foram realizados em um laboratório forense da Equipe Argentina de Antropologia Forense (EAAF). localizado na cidade de Córdoba, Argentina. Em paralelo, outros dois laboratórios no Reino Unido e na Espanha se encarregaram de controlar e garantir a qualidade da análise de DNA

Após a identificação e quase quatro décadas de espera, familiares de soldados visitaram o cemitério de Darwin e, pela primeira vez, puderam pôr flores e render homenagens dignas diante dos túmulos com os restos mortais e o nome de seus entes queridos.





Embaixadores Julian Braithwaite (Reino Unido) e Hector Marcelo Cima (Argentina) receberam em 2017 os relatórios entregues pelo CICV, já com a identificação dos soldados argentinos. O PPH 1 foi o primeiro projeto desse tipo com uma missão conjunta e específica encarregada por dois Estados que foram adversários em um conflito armado.

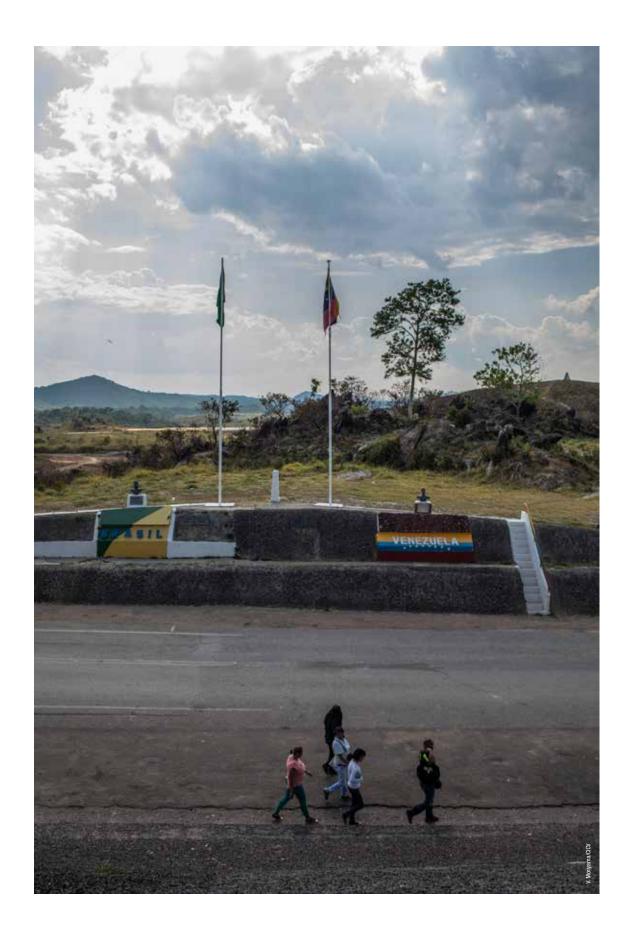


Em 2021, foi realizado o PPH 2, possibilitando que ao fim do processo 119 soldados fossem identificados desde 2017. O PPH 2 envolveu a exumação de restos mortais encontrados em uma sepultura conhecida como C.1.10. A equipe forence encontrou os restos mortais de seis pessoas. O relatório foi entregue pelo CICV a representantes dos dois países em Genebra e ao chanceler argentino em Buenos Aires.

APOIO A QUEM CHEGA

Considerado um direito natural, a migração é um fenômeno tão antigo que remonta à própria humanidade. Através dos tempos, a História registrou incontáveis fluxos migratórios, deflagrados com motivações das mais diversas — políticas, econômicas ou sociais, por exemplo. E tem sido assim. Ainda hoje, milhões de pessoas se veem obrigadas a deixar suas respectivas terras para trás, por razões variadas, em cenas que ganham as manchetes internacionais e que revelam as consequências humanitárias provocadas pela migração.

Independentemente das causas desse fenômeno e sem promovelo ou estimulá-lo, o CICV se concentra em atender a algumas das necessidades mais urgentes dos migrantes, desenvolvendo e/ou apoiando ações para que tenham um tratamento digno. Em Boa Vista e Pacaraima (Roraima), nos focamos no fluxo de migrantes que chegam ao país, apoiando as famílias acolhidas e apoiando programas, como o Restabelecimento de Laços Familiares (RLF), e em ações de acesso a água e saneamento, e proteção de pessoas em vulnerabilidade. Com o processo de interiorização da migração, o trabalho foi estendido ao Amazonas. Essas ações vêm sendo realizadas em apoio a autoridades e outras organizações da Operação Acolhida, além da Cruz Vermelha Brasileira (CVB).

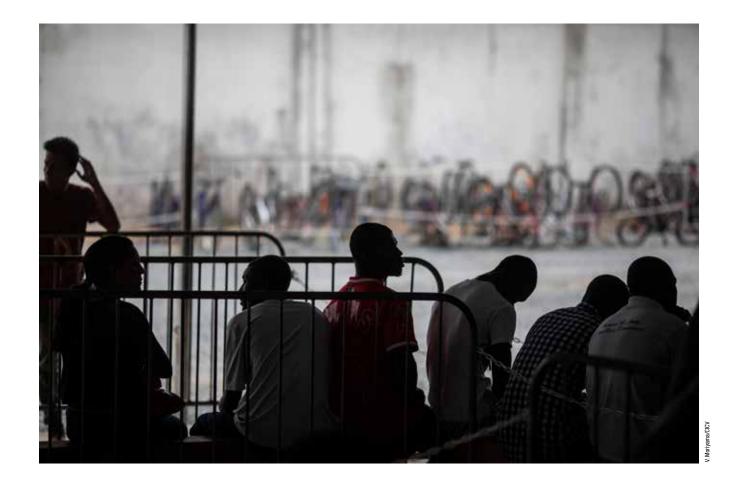






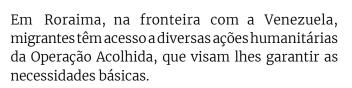
Ao longo dos últimos anos, o Brasil recebeu vários fluxos migratórios, principalmente a partir de Roraima. Nesse contexto, o CICV desenvolve uma série de ações, começando pelo acolhimento, junto ao Governo Brasileiro e outras organizações internacionais, de quem teve que deixar sua terra.





As ações de acolhimento começam por Pacaraima (RR), na fronteira com a Venezuela. Mas o CICV também mantém estruturas voltadas aos migrantes em Boa Vista (RR) e, como processo de interiorização do fluxo migratório, os trabalhos foram estendidos a Manaus (AM).









Desde 2018, o CICV conduz o programa Restabelecimento de Laços Familiares (RLF) em Roraima, auxiliando e estimulando os migrantes a informar seu paradeiro à família e a manter contato com seus entes queridos.









Não raramente, famílias inteiras de migrantes chegam a Roraima, precisando de acolhimento e com necessidades de serviços básicos. O CICV atua nessa ponta, em cooperação com autoridades locais e outras entidades.



Por motivos diversos, muitos desses migrantes não têm sequer documentação. Além de facilitar o restabelecimento dos laços com familiares, o CICV oferece suporte para localização ou expedição de documentos.





Uma das prioridades do CICV tem sido melhorar as condições de abastecimento e higiene, por meio de programas que preveem a implantação de instalações hidráulicas e poços artesianos em espaços comunitários e outras áreas, a fim de apoiar migrantes, indígenas e a população de acolhida.















COOPERAÇÃO ENTRE *HERMANOS*

O CICV intensificou sua ação no Cone Sul na década de 1970. Os golpes de estado deflagrados no Uruguai, Chile e Argentina causaram um número significativo de mortos, feridos, torturados desaparecidos, deslocados e refugiados. Tudo isso levou ao estabelecimento e à presença efetiva do CICV na região, com a finalidade de visitar pessoas privadas de liberdade, coletar informação sobre pessoas desaparecidas e prestar assistência aos familiares.

Com o objetivo de fortalecer e promover o Direito Internacional Humanitário (DIH) e os princípios humanitários, estabelecemos um diálogo permanente com autoridades, com a academia e com militares, forças policiais e de segurança. Paralelamente, em coordenação com a Federação Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, trabalhamos com as Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha, com as quais cooperamos em atividades humanitárias, dentre elas, primeiros—socorros, restabelecimento de laços familiares, comunicação, além de ações em contextos de violência.





Entre as ações de promoção do Direito Humanitário Internacional (DIH), o CICV presta apoio e assessoramento aos Estados da região para a ratificação dos tratados de DIH e para a adoção, em âmbito nacional, das medidas necessárias para a sua aplicação. Também trabalha para que as Forças Armadas integrem essas normas na doutrina, no ensino, na formação e nos mecanismos de controle. O CICV também se relaciona com instituições acadêmicas, como ocorreu no Primeiro Concurso Nacional de DIH em parceria com o Observatório de Direito Humanitário da Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires (UBA), na Argentina.



O CICV trabalha com as autoridades de segurança pública no Brasil, Chile e Paraguai por sua convicção sobre a importância e a necessidade do respeito às normas internacionais de direitos humanos aplicadas à função policial, a fim de prevenir e reduzir o número de vítimas da violência armada. Promovemos também a integração do direito, mediante a incorporação das normas internacionais de direitos humanos e do uso da força nos documentos institucionais nos âmbitos da educação, doutrina, capacitação e nos mecanismos internos da atividade policial.





Entre as ações já realizadas pelo CICV quando esteve presente no Paraguai, está a proteção e assistência de comunidades afetadas pela violência no norte do país, para que tivessem acesso a serviços básicos e para que pudessem ter alimentação de melhor qualidade.

No passado, também prestamos apoio psicossocial, visitamos pessoas privadas de liberdade e apoiamos um projeto de artesanato chamado Kuña Katupyry 'mulher empreendedora', em guarani um programa de reinserção social e ocupacional feito em parcerias que formou centenas de mulheres detidas. Hoje, nossa atuação se dá por meio da cooperação com a Cruz Vermelha Paraguaia (CRP, por suas siglas em espanhol).





Entre outras ações desde o surgimento da pandemia do novo coronavírus em 2020, a Cruz Vermelha Paraguaia (CRP por sua sigla em espanhol) distribui kits de alimentação, de higiene e de prevenção à transmissão do vírus. Em cooperação com a Federação Internacional da Cruz Vermelha, o CICV apoio as Sociedades Nacionais da Região





A Cruz Vermelha Argentina (CRA por sua sigla em espanhol) desenvolveu ações para minimizar os impactos da Covid-19 à população. Uma das iniciativas se concentrou em comunidades indígenas na província de Salta, no norte do país, onde a CRA já mantinha uma base e implantou projetos de acesso a água, saneamento e promoção de higiene. O CICV apoia atividades da Cruz Vermelha Argentina, em cooperação com a Federação Internacional da Cruz Vermelha.





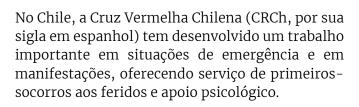
A Cruz Vermelha Brasileira (CVB) também ampliou sua capacidade operacional em um curto espaço de tempo para responder às necessidades humanitárias geradas pela pandemia. Além de apoiar a campanha de vacinação e higienizar espaços públicos, a CVB trabalho também distribuiu alimentos e kits de prevenção à população em condição de vulnerabilidade.



A Cruz Vermelha Uruguaia (CRU por sua sigla em espanhol) desenvolve programas de assistência e proteção humanitária a pessoas em diferentes contextos de vulnerabilidade e também realiza ações de prevenção de situações de desastre em ambientes aquáticos. Nessa perspectiva, se destaca o curso de primeiros-socorros aquáticos, voltados a incidentes ocorridos em água, seja em contextos recreativos, esportivos ou comerciais.











Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Retratos da humanidade / organização Comitê Internacional da Cruz Vermelha. -- 1. ed. --Curitiba, PR: Artisan Raw Books, 2021.

ISBN 978-65-994509-9-0

1. Ações sociais 2. Comitê Internacional da Cruz Vermelha 3. Relações internacionais 4. Cruz Vermelha brasileira - História 5. Direito humanitário 6. Direito internacional público 7. Fotografias

8. Humanidade I. Comitê Internacional da Cruz Vermelha.

21-92342 CDD-779.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Retratos da humanidade : Fotografias 779.9

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Retratos de Humanidade

Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV)

Chefe da Delegação Regional do CICV para Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai Alexandre Formisano

> Coordenação Geral do Fotolivro Sandra Lefcovich

> > Produção Gabriela Borelli Nathalia Josino

> > Edição de Fotos Henry Milleo

Projeto gráfico Gabriela Tacla

Fotografias CICV

Textos Felippe Aníbal

1^a Impressão Brasil/2021

ISBN: 978-65-994509-9-0

fazendo todo o possível para proteger a vida e a dignidade delas e para aliviar o seu sofrimento, com frequência em conjunto com os nossos parceiros da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho. Buscamos

As pessoas sabem que podem confiar que realizaremos diversas atividades para salvar vidas, trabalhando de perto com as comunidades para compreender e atender as necessidades delas. A nossa experiência e o

- instagram.com/cicvbrasil
- **y** twitter.com/CICV_BR
- f facebook.com/CICV
- youtube.com/cicv_oficial

Delegação Regional para Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai SHIS QI 15 Conj. 05, Casa 23, Lago Sul, CEP 71635-250 Brasília, DF - Brasil T +55 61 3106 2350 E-mail: bra brasilia@icrc.org www.cicv.org.br © CICV,2021



